

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DAS NARRATIVAS LÚDICAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM.

Marcelo Messias da Silva¹
Regina Clare Monteiro²

RESUMO:

De acordo com o MEC³, 55% dos alunos do ensino fundamental apresentaram, com relação à Língua Portuguesa, desempenho crítico e muito crítico (dados SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica). Esse dado é alarmante, pois tais alunos levarão consigo, para os anos posteriores, este mau desempenho, acarretando prejuízos futuros em toda a sua formação educacional. Esta pesquisa, visando despertar o interesse dos alunos de 1ª a 4ª séries do ensino Fundamental I para a leitura, pretendeu, através da contação de histórias, expandir o universo social e cultural desses alunos, face à exposição de textos diversos, como contos de fadas, mitos, lendas, entre outras atividades elaboradas a partir da literatura. Para tanto, selecionou um grupo de controle entre sujeitos de um trabalho comunitário realizado pela ABA⁴ (Associação Biblioteca dos Amigos), que oferece a crianças e adolescentes da região do bairro Jardim Santa Emília, em Hortolândia, diversos cursos e/ou reforço escolar. Os resultados caminharam no sentido de comprovar a hipótese levantada de que, pré-adolescentes e adolescentes expostos com regularidade à literatura lúdica, apresentam melhora no seu desenvolvimento integral e, conseqüentemente, no desempenho escolar.

¹ Graduado em Letras pela Faculdade Comunitária de Campinas e pós-graduando em Psicopedagogia pela Universidade Adventista de São Paulo. marcelomessiass@hotmail.com

² Mestre e Doutora em Educação pela Unicamp. Consultora e Assessora em Gestão Educacional. regina.clare@yahoo.com.br.

³ Notícia no site do Jornal O Estado de São Paulo, em 27/04/2006, 16h58min. <http://www.estadao.com.br/educacao/noticias/2006/abr/27/211.htm?RSS>,

⁴ ABA Associação Biblioteca dos Amigos – ONG - Hortolândia/SP. bibliotecadosamigos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Durante séculos, a memória viva dos povos foi perpetuada pela ação de contar e ouvir histórias. Como heranças remotas da civilização, o conhecimento acumulado pelas gerações foi sendo transmitido através da linguagem oral, constituindo-se num verdadeiro legado da cultura popular, surgindo, assim, mitos, lendas e contos diversos. Entretanto, com o avanço tecnológico a prática da narrativa foi sendo relegada, desaparecendo das escolas os momentos e espaços para a fantasia passada pela oralidade e pelos livros. O que se têm observado é que os educadores, em geral, parecem acreditar que 'contar histórias' é uma prática apenas possível na educação infantil (séries iniciais).

Entretanto, a prática da narração de histórias, como forma de conhecimento, desencadeia o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade, da manipulação crítica e criativa da linguagem oral. E isso é possível em todas as fases de desenvolvimento do ser humano, como nos leva a refletir Nelly Novaes Coelho (1991, p.13):

“... o poder de resistência da palavra prova de maneira irrefutável que a comunicação entre os homens é essencial à sua própria natureza. O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros, certa experiência sua, que poderia ter significação para todos.”

Segundo FONSECA (2003), diante de um mundo eminentemente simbólico, onde a linguagem metafórica se traduz como um interlocutor entre a vida interior e exterior do sujeito, as histórias adquirem um papel extremamente importante, devendo ser vivenciadas como um elemento a mais no processo ensino-aprendizagem, dentro e fora da escola.

Por tradicionalmente pertencer ao universo infantil, há pesquisas relatando a interferência positiva no desenvolvimento da criança exposta ao universo das narrativas, mas há igualmente falta de pesquisas que identifiquem o mesmo resultado nas séries subseqüentes à educação básica (a partir da 5ª série).

A literatura é arte, expressão humana diante da realidade e do mundo,

trabalhando a dimensão do sonho, da fantasia, da utopia, enquanto um sentimento que pulsa, cria e recria formas de ser e de sobreviver. Mas é, também, crítica e denúncia de momentos importantes da história. A literatura é tida como a guardiã da cultura humana em todos os tempos e, como arte humana eternizada no tempo, a literatura constitui-se da palavra para a transmissão das experiências humanas estabelecendo, como ponto de partida, a própria existência do homem, seja ela interior, exterior ou na sua relação com o outro e com o mundo.

OBJETIVOS

Partindo do dado básico de que, é por intermédio de sua consciência cultural que os seres humanos se desenvolvem e se realizam de maneira integral, Coelho (2003) diz ser fácil compreendermos a importância do papel que a literatura pode desempenhar para os seres em formação, uma vez que é ela, dentre as diferentes manifestações da arte, a que atua de maneira mais profunda e essencial para dar forma e divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade ou uma civilização. Por conseguinte, ressalta-se a importância da literatura, tanto a dos tempos arcaicos quanto a pós-moderna, essencialmente sintonizada com os tempos que a autora chama de 'tempos de mutação' (COELHO, 2003, p. 122).

O mundo da escola se apresenta como uma chave mágica para a construção do gosto pela leitura, pelos livros e histórias. Uma postura ativa e estimuladora do professor-leitor-contador de histórias funciona como uma mola propulsora para a estimulação de alunos e leitores, críticos e criativos.

Seguindo tais pressupostos, esta pesquisa objetiva levar os sujeitos a um contato próximo e lúdico com a literatura, através da contação de histórias, e assim resgatar valores essenciais para uma sociedade mais humana, como compreensão, dedicação, amizade, confiança, gratidão, amor, responsabilidade, disciplina, solidariedade, honestidade, união, tolerância e paciência, além do hábito de ouvir histórias, despertando o interesse pela leitura do texto impresso como fonte de informação e recreação. Objetiva também desenvolver atividades

lúdicas que incluem brinquedos e brincadeiras populares, adivinhações, parlendas, trava-língua, cantigas de rodas, preservando, então, a memória cultural nacional, regional, e local, com a qual incentivar-se-á a expressão criadora dos sujeitos, estabelecendo um canal de interlocução entre o professor e o aluno através de uma atividade verbal lúdica com a leitura.

Pretende-se utilizar a leitura, através da contação de histórias, como uma metodologia para o desenvolvimento dos sujeitos e melhoria de seu desempenho escolar, respondendo a necessidades afetivas e intelectuais pelo contato com o conteúdo simbólico das histórias trabalhadas.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma Biblioteca (ONG) que atende crianças, adolescentes, adultos e terceira idade em trabalhos diversos voltados para cada um desses segmentos da população, desenvolvendo então, um trabalho de reforço e acompanhamento pedagógico e também de estimulação e conhecimento, através de contação de histórias, cuja finalidade era desenvolver atividades com uma população específica de 06 a 14 anos, que já participava, também, de aulas de informática e freqüentava a biblioteca para pesquisas escolares. Esta pesquisa procurou identificar um grupo com sujeitos pertencentes à faixa etária intermediária – de 7 a 9 anos. O grupo iniciou-se com 18 (dezoito) sujeitos e já na terceira semana de atividades fixou-se em 20 (vinte) sujeitos, mas apenas um grupo de controle (com 10 sujeitos) foi observado e entrevistado informalmente, tanto no início dos trabalhos da pesquisa, como ao longo dos meses referentes ao período letivo de 2007 (nos dois semestres). Outros instrumentos e fontes foram utilizados como questionários aos professores do grupo de controle, de forma a identificar o rendimento do aluno no começo e no final do Projeto. Outro questionário foi destinado aos pais, para verificar mudanças de comportamento da criança em casa e com a família, confirmando, ou não, a hipótese de que a exposição às narrativas (histórias, contos e mitos), e aos seus conteúdos simbólicos/arquetípicos, promoveu desenvolvimento global e, em especial, da aprendizagem escolar na criança.

As histórias eram previamente selecionadas pela professora orientadora do projeto, e trabalhadas, primeiramente, com o pesquisador, e só então apresentadas aos sujeitos desta pesquisa. Nestas reuniões, além da revisão bibliográfica indicada para leitura e consulta, eram apresentados, pelo pesquisador, relatórios parciais sobre o desenvolvimento da pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

1. IDENTIFICAÇÃO

O projeto teve início no dia 13 de abril de 2007. Neste encontro estavam presentes aproximadamente 18 ouvintes na faixa etária de 7 a 10 anos: meninos e meninas das classes sociais média baixa e baixa, regularmente matriculados em escolas públicas da cidade de Hortolândia/SP.

O grupo de controle foi identificado previamente, no momento das inscrições, confirmado pelo aluno-pesquisador no primeiro dia de encontro e contando com 10 crianças, de ambos os sexos, na faixa de 7 a 10 anos.

Foi explicado às crianças que o pesquisador estava fazendo seu trabalho de conclusão de curso através daquela atividade e que eles eram os sujeitos. Para que não fossem expostas, o nome verdadeiro seria substituído, na pesquisa, por codinomes que os próprios alunos escolhessem para si (ANEXO 1).

Caracterização do Grupo de Controle:

- 10 alunos que freqüentaram regularmente todos os encontros.
- Idade entre 7 e 10 anos .
- 4 sujeitos na 1ª série; 4 na 3ª série; 2 na 4ª série.
- Todos de classe social média-baixa.
- 4 meninos e 6 meninas.
- Todos domiciliados em bairros próximo da Biblioteca dos Amigos, em Hortolândia.
- Todos os alunos escolheram seus codinomes do reino animal, apenas uma aluna escolheu um ser mitológico. São eles: *Urso Polar; Cachorro; Borboleta; Leão das Montanhas; Lobo; Arara; Beija-flor; Leoa; Panda e Sereia.*

GRUPO DE CONTROLE



Os encontros ocorriam às sextas-feiras, das 14:30h às 16:00h, na ONG ABA (Associação Biblioteca dos Amigos). O horário era um pouco flexível, dependendo do envolvimento dos sujeitos e até do tempo, pois, quando fazia muito calor, os ouvintes não demonstravam paciência para ficarem na sala após 1h ou 1h30min de atividades.

Ao longo do ano, ocorreram 22 encontros. Até o 19º encontro as atividades iniciavam-se com a contação de história, poesia ou conto de fadas. Os seguintes foram dedicados aos ensaios para a montagem de um musical que os alunos desejaram apresentar aos pais e familiares.

2. ATIVIDADES

Todos os encontros possuíam prévia preparação, com roteiro (Anexo 2) destinado a conduzir o início dos trabalhos e também identificar a atuação e participação dos sujeitos, assim como a avaliação das atividades. O roteiro era flexível, na medida em que identificava a história a ser trabalhada e as atividades propostas a partir da leitura, mas também permitia que outras atividades surgissem espontaneamente do grupo.

A partir da história do dia, eram elaboradas atividades de complementação ao tema que iam desde a confecção de materiais, utilizando papéis coloridos até o desenhar com giz de cera e cantar cantigas, acompanhando o aluno-pesquisador ao violão.

No primeiro encontro, o conto escolhido foi “Chapeuzinho Vermelho” e, propositalmente, não foi feita uma descrição da personagem principal. As crianças é que construíram a personagem, atribuindo-lhe características físicas e até psicológicas. Conseguiu-se, com isso, quebrar a timidez da turma e envolvê-los na história. Para a atividade principal, que foi a confecção de chapéus com papéis coloridos ou desenhos posteriormente pintados, as crianças já estavam mais participativas e espontâneas.

A partir do 3º encontro, no qual foi trabalhada a história do Peter Pan, as crianças já participavam ativamente. Conforme o pesquisador ia contando a história, mostrava as figuras do livro para os sujeitos que não se contentavam em simplesmente olhá-las, queriam tocá-las, sentir as texturas e acrescentavam elementos aos cenários e aos personagens. Foi gratificante perceber o envolvimento na história e a curiosidade demonstrada pelas crianças.

Neste mesmo encontro, foi pedido aos sujeitos que falassem sobre amizade e todos queriam contar uma história que havia ocorrido com eles envolvendo um amigo. A partir deste encontro, nenhuma criança demonstrou desinteresse ou falta de participação nos trabalhos propostos, nem na leitura das histórias. Uma das atividades deste encontro foi colorir folhas com imagens dos personagens da história de Peter Pan. Os sujeitos demonstravam estar tão envolvidos com as atividades que pediram para levar algumas folhas para colorir em casa. Em depoimentos dos pais, por solicitação do pesquisador, foi relatado que, neste dia, os sujeitos contaram histórias para os irmãos mais novos e auxiliaram-nos a pintar os desenhos.

Em todos os encontros, eram oferecidos livros infantis às crianças e, no encontro seguinte, elas contavam o que haviam lido, comentavam as histórias e, com isso, o pesquisador supôs que todas as crianças eram alfabetizadas e, portanto, sabiam ler. No quarto encontro, em uma atividade de leitura compartilhada, pode-se perceber que a aluna **Borboleta** tinha grandes problemas com a leitura. Foi-lhe dada maior atenção, envolvendo-a em atividades com outras crianças melhor alfabetizadas e, segundo o questionário respondido pela professora (Anexo 3) no final dos trabalhos, esta aluna já não apresentava dificuldades na leitura.

As crianças se dividiram, espontaneamente, em dois grupos. O grupo denominado *Grupo A* não se identificava com atividades escolares, como procurar palavras desconhecidas no texto e no dicionário, entre outras, eram sujeitos mais conversadores e preferiam trabalhos que lhes permitissem movimentos corporais. O grupo denominado *Grupo B* já se identificava com atividades semelhantes às que também desenvolviam esporadicamente na escola, eram crianças mais

tímidas, dedicavam-se totalmente aos trabalhos manuais (confeccção, pintura, desenho, entre outros), de forma que suas produções eram sempre as melhores, feitas com maior capricho. Outro exemplo desta distinção ocorreu no 6º encontro, cuja atividade solicitava que criassem ou reproduzissem uma história conhecida no computador (os computadores da biblioteca ficaram disponibilizados para os participantes do Projeto Contação de Histórias). Os alunos do *Grupo B* preocupavam-se em saber onde ficavam os acentos para escreverem corretamente as palavras, ao contrário do *Grupo A* que não demonstrava qualquer interesse por questões gramaticais.

Esses grupos não se misturavam e, às vezes, nem se falavam, por mais que algumas atividades fossem dirigidas para a integração entre os sujeitos. Até para não reforçar ainda mais este comportamento, optou-se por deixar que os grupos fossem criando seu espaço comum, à vontade.

Esta integração acabou ocorrendo a partir do 7º encontro, no qual foi feita uma sessão de cinema, com pipoca e refrigerante, e exibido o filme *Happy Feet*. As crianças ficaram muito empolgadas com a história e passaram a fazer atividades em conjunto, amigavelmente, desfazendo-se de vez os grupos A e B. O companheirismo firmou-se ainda mais quando decidimos fazer uma apresentação musical. Tudo foi decidido pelos sujeitos, desde as músicas até o cenário. Todos queriam fazer o melhor para a concretização do teatro, cada um com o seu dom.

Um dos sujeitos do grupo de controle, ***Leão das Montanhas***, durante uma atividade de escrita (criar ou recontar uma história, redigindo-a no computador), chamou o pesquisador a certa distância do grupo e perguntou-lhe por que seu amigo ***Urso Polar*** sabia ler e escrever e ele não, uma vez que ambos tinham a mesma idade e cursavam a mesma série. Após um momento de reflexão, o pesquisador perguntou a ***Leão das Montanhas*** se ele fazia as tarefas de casa solicitadas pela professora, se lia fora da escola e se gostava de ir à escola. As respostas foram não, não e não. Segundo os pais de ***Leão das Montanhas*** e sua professora, em resposta aos questionários e em entrevista, o comportamento de ***Leão das Montanhas*** mudou em relação à escola e à leitura com a frequência assídua aos encontros de Contação de Histórias. Sua professora o descreve como

“alfabetizado”. Entretanto, este mesmo aluno foi retirado da escola no final do terceiro bimestre pelos pais que, inquiridos pelo pesquisador sobre o motivo desta atitude, responderam que o aluno era muito novo e não tinha necessidade de freqüentar a escola neste momento.

A apresentação do teatro para os pais e convidados foi importante para os sujeitos que se empenharam ao máximo para a realização desta atividade. Os pais, emocionados, agradeceram pelo Projeto de Contação de Histórias e, junto com as crianças, lamentaram seu término e solicitaram sua continuação no próximo ano (ver ANEXO 4 – questionário distribuído aos pais).

RESULTADOS

A família é a primeira e principal instância de sustentação e desenvolvimento da pessoa. É ela que irá fornecer a referência existencial que resultará em um desenvolvimento positivo ou não do sujeito em seu meio social. Embora este não seja o foco central deste trabalho, um educador não pode menosprezar a influência da família na apreensão de mundo da criança e, para tanto, foi feito um levantamento da condição sócio-cultural das famílias dos sujeitos do grupo de controle, cujos dados auxiliariam a compor um quadro mais fidedigno do desempenho escolar e da prontidão da aprendizagem das crianças envolvidas no Projeto Contação de Histórias.

Os gráficos com a tabulação completa dos dados encontra-se no Anexo 5. A seguir são relacionados os dados gerais.

1. DADOS DAS FAMÍLIAS

Vinte responsáveis responderam os questionários que solicitavam informações sobre as condições sócio-econômicas da família e também sobre o comportamento da criança durante sua participação no Projeto Contação de Histórias.

Do total de entrevistados, 95% são casados ou vivem com seus companheiros, oferecendo às crianças a condição familiar onde todos os papéis são representados, tais sejam, Pai, Mãe e Irmãos, uma vez que 50% dos entrevistados disseram ter dois filhos e os outros 50% , três ou mais filhos. Estas informações se confirmam com o dado de que 95% das famílias entrevistadas possuem um número mínimo de quatro pessoas residindo na mesma casa. Em 60% dos casos, apenas um dos cônjuges trabalha e em 35%, ambos os cônjuges trabalham e dividem a responsabilidade pelo sustento da família, o que indica que, em 60% das famílias, a mãe permanece em casa cuidando dos filhos.

Quanto à escolaridade, mais de 60% dos pais (respondentes e cônjuges) possuem Ensino Médio e mais de 30% possuem Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série. Um respondente informou que o cônjuge possui Ensino Superior.

Nas questões que traçam o perfil de leitor dos pais, 30% informaram ter lido neste ano, entre três e cinco livros e outros 30% informaram ter lido entre seis e oito livros, sendo a preferência por obras literárias (de ficção ou não ficção), 60% e livros de auto-ajuda, 25%. Entretanto, quando perguntado sobre a leitura de jornais, 70% disseram não ler nunca, raramente ou somente aos domingos. Apenas 15% informaram ler o jornal diariamente. No entanto, pelo menos para estes 15% apresenta-se uma contradição, porque 100% dos pais disseram utilizar a Televisão para manterem-se informados sobre todos os assuntos.

A biblioteca da comunidade (ABA) é freqüentada por 35% dos pais, com freqüência, e 45% disseram não freqüentá-la nunca ou muito raramente.

Perguntou-se aos pais quanto tempo dedicam ao acompanhamento dos estudos do seu filho, em casa: 55% informaram dedicar de uma a duas horas, 35% dedicam de três a cinco horas e apenas 10% disseram não poder acompanhar os estudos do filho em casa, pois o trabalho não lhe permite este tempo. Os pais informaram também que 80% dos filhos ajudavam no trabalho doméstico antes e durante sua participação no Projeto Contação de Histórias.

Das atividades artístico-culturais preferidas dos filhos, os pais destacaram a dança (35%), seguido por shows, musicais e/ou concertos (30%) e também o cinema (25%).

Os entrevistados foram unânimes em indicar a mudança de comportamento de seus filhos, em relação aos estudos, após a participação no Projeto Contação de Histórias. 100% informaram que os filhos demonstraram mais interesse pelos estudos ao ingressarem no Projeto e que passaram a contar histórias para os irmãos mais novos e outros membros da família (100%). Esses são dados extremamente significativos, principalmente se somados às informações de que 70% dos pais perceberam a motivação dos filhos em relação à escola, após ingressarem no Projeto. Os outros 30% afirmaram que o filho já gostava de ir a escola e continuou gostando após a participação no Projeto.

Em conversa com os pais, especialmente na reunião de encerramento do Projeto, os depoimentos foram no sentido da modificação dos filhos em todos os sentidos, além do âmbito escolar. Muitos mencionaram que os filhos auxiliam nos trabalhos cotidianos com mais disposição, com mais cortesia. Afirmaram também que os filhos não brigam mais com os irmãos e dão mais atenção às ordens dos pais: “ele sempre coloca os exemplos das estórias em primeiro lugar nas atitudes dele. Além de citar o que o Prof. Marcelo falou como exemplo da estória, ele diz isso ou aquilo eu não posso fazer na minha vida, mas aquilo lá eu posso fazer...”.

Este depoimento reforça os pressupostos de que muitos dos métodos educacionais em prática não são mais eficientes. As virtudes são a base da formação de caráter e do desenvolvimento da personalidade e não apenas uma possibilidade de amadurecimento do ser humano. Ensinar as virtudes, através das histórias e, principalmente, de exemplos de comportamento ético farão toda a diferença para as gerações presentes e futuras.

2. ANÁLISE FEITA PELAS PROFESSORAS

Foi solicitado às professoras do grupo de controle que respondessem a um questionário (Anexo 3) no início dos trabalhos e outro no final das atividades do Projeto, de forma a identificar possíveis mudanças no comportamento e no desempenho dos alunos na sala de aula.

Foram entrevistadas 5 (cinco) professoras, assim identificadas pela correspondência com os sujeitos:

1º professor ministrava aulas na 1ª série B e na sua sala estavam 3 sujeitos da pesquisa: ***Urso Polar; Cachorro; Borboleta.***

2º professor ministrava aulas na 1ª série A e na sua sala estava 1 sujeito da pesquisa: ***Leão das Montanhas.***

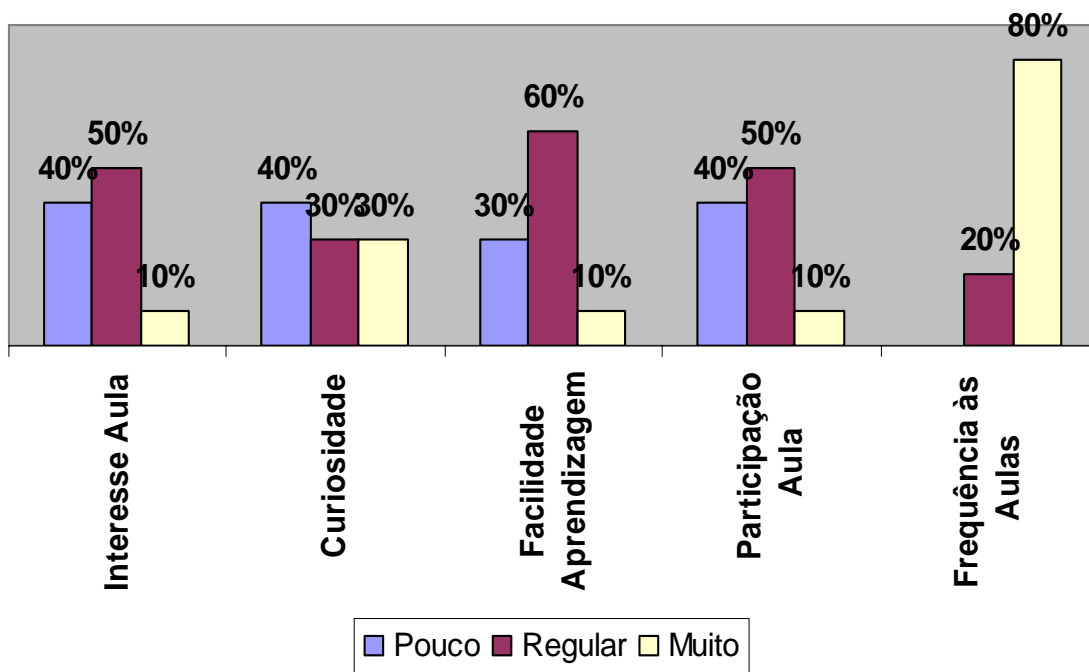
3º professor ministrava aulas na 3ª série B e na sua sala estavam 4 sujeitos da pesquisa: ***Lobo; Arara; Sereia; Beija-flor.***

4º professor ministrava aulas na 4ª série B e na sua sala estava 1 sujeito da pesquisa: ***Leoa.***

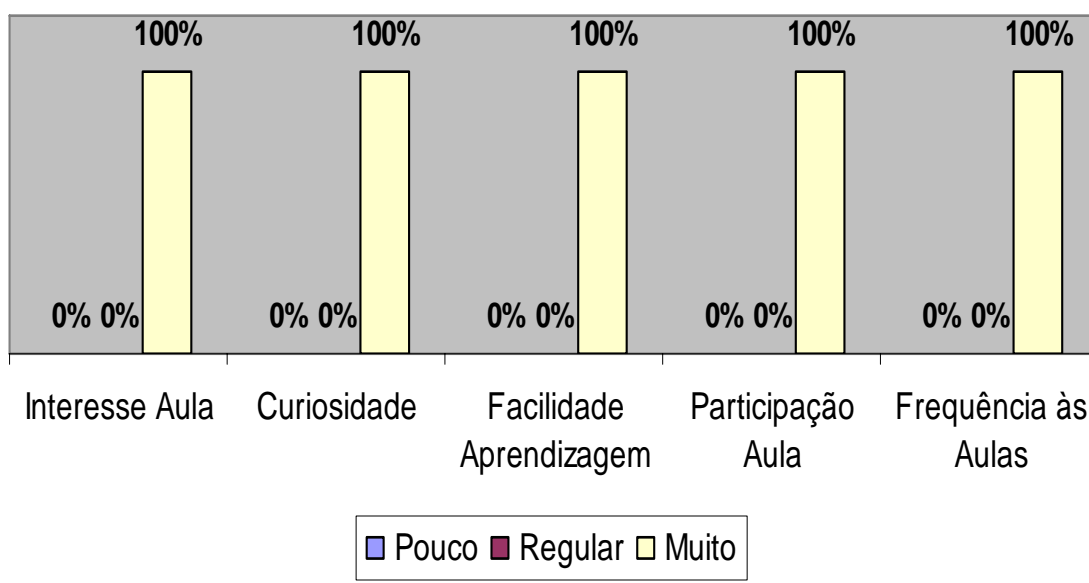
5º professor ministrava aulas na 4ª série C e na sua sala estava 1 sujeito da pesquisa: ***Panda.***

Seguem os dados gerais para comprovação dos resultados alcançados na pesquisa; entretanto, o Anexo 6 traz a tabulação completa das respostas das professoras relativas a cada sujeito. Para esta análise, estaremos nos referindo a dois questionários: o primeiro respondido no início das atividades do Projeto Contação de Histórias e o segundo respondido no término destas atividades. Nos quadros abaixo, o resultado geral das análises feitas pelas professoras no início e no término do Projeto.

DIAGNÓSTICO DAS PROFESSORAS NO INÍCIO DOS TRABALHOS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS



DIAGNÓSTICO DAS PROFESSORAS AO FINAL DOS TRABALHOS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS



Quanto ao interesse e motivação dos alunos na sala de aula, os professores informaram que 40% dos sujeitos demonstravam pouco interesse e 50% um interesse regular nas atividades da sala de aula. É possível inferir que 90% dos sujeitos do grupo de controle sentiam-se distantes das atividades escolares, realizadas na sala de aula, embora apenas uma criança foi apontada como tímida nos primeiros meses do ano letivo. É interessante observar que 30% dos sujeitos demonstravam muita curiosidade sobre os temas trabalhados na sala de aula e outros 30% demonstravam uma curiosidade regular. Os sujeitos apresentavam a curiosidade intelectual, mas não se sentiam motivados para realizar as atividades escolares. Veja-se a comprovação desta observação através dos dados sobre a participação dos alunos nas atividades em sala de aula: 40% tinham pouca participação e interação em sala e 50% tinha uma interação regular. Após a participação no Projeto Contação de Histórias, as professoras relatavam que 100% dos alunos demonstravam muito interesse e motivação durante as aulas, assim como 100% expunham sua curiosidade sobre questões do cotidiano e das matérias escolares e todos (100%) passaram a ter uma efetiva participação nas atividades em classe.

Um dado interessante é que apenas dois sujeitos foram identificados como possuindo uma frequência regular às aulas, enquanto que 80% dos sujeitos eram assíduos. Esses dois sujeitos, Lobo e Leão das Montanhas, não eram considerados alfabetizados pelas professoras e estas indicaram que não aprovariam os sujeitos se o desempenho dos alunos continuasse como estava. Esses dois sujeitos foram identificados, no segundo questionário, como tendo 100% de frequência às aulas e Alfabetizados, garantindo a aprovação para a série seguinte.

As professoras relataram que 60% dos alunos apresentavam facilidade regular para o aprendizado e outros 30% apresentavam pouca facilidade para o aprendizado. Após a participação dos sujeitos nas atividades do Projeto Contação de Histórias, todos (100%) foram diagnosticados pelas professoras como

possuindo muita facilidade para a aprendizagem, além de dedicação e interesse na execução das novas tarefas.

CONCLUSÃO

Segundo Fonseca (2003, p. 34), “a criação literária é um fenômeno humano que mostra os aspectos essenciais, misteriosos, encantadores da vida”, além de promover a transformação crítica do leitor, enriquecendo seu mundo externo e sua subjetividade na ampliação de sua experiência de vida.

Esse mundo de magia, de fantasia, de realidade e de descobrimento, pode proporcionar ao aluno um interesse maior para a leitura, interpretação/compreensão e produção de textos, além de contribuir com o desenvolvimento da capacidade de observação e comunicação.

Para Bakhtin (1992), é através da palavra que o homem elabora sua concepção de mundo, seu entendimento de si e dos outros e, portanto, a realidade da linguagem, segundo o autor, está na interação e não na enunciação monológica ou no ato individual.

Esta pesquisa procurou mostrar como a Contação de Histórias pode atuar como metodologia de apoio ao ensino-aprendizagem oferecido na escola, uma vez que as histórias trazem, ao contexto social das crianças, elementos indispensáveis à sobrevivência de uma comunidade, aproximando os indivíduos, reforçando laços familiares e comunitários, promovendo a resolução de conflitos latentes, através de uma reflexão sobre o real transposto para a ficção (RESENDE, 2003).

Os resultados desta pesquisa reforçam os conceitos estudados de que as leituras e a imersão nas histórias permitem aos ouvintes estruturar o real, utilizar o código cotidiano da vida social (NARANJO, 2002).

Para pais e professores, todos os sujeitos demonstraram uma mudança positiva no comportamento, no que se refere a códigos sociais de conduta e também à prontidão para o aprendizado. A timidez natural do início dos trabalhos

foi substituída por uma participação ativa nas atividades dentro da escola, em casa, com a família, e no grupo que participava do Projeto, já que as diferenças foram percebidas, compreendidas enquanto identidades e eliminadas as razões que num primeiro momento haviam separado as crianças em dois grupos distintos.

A realidade educativa, especialmente na escola pública, por sua fragmentação, oferece mais obstáculos do que pontes para o aprendizado e é indispensável à busca de alternativas metodológicas que permitam ao professor o desenvolvimento de habilidades e competências para trabalhar com a leitura e, através dela, garantir o acesso à cultura aos seus alunos, promovendo a produção de novos conhecimentos.

Referências Bibliográficas:

- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1992.
- COELHO, Betty. Contar histórias, uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil. São Paulo: Ática, 2001.
- _____. O conto de fadas: símbolos, mitos e arquétipos. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.
- CORTELLA, Mario Sergio. A Escola e o Conhecimento. São Paulo: Cortez, 2002.
- DOHME, Vânia. Técnicas de Contar Histórias. São Paulo: Informal Ed., 2005.
- EVANGELISTA, Aracy A. Martins (Org.) A Escolarização da Leitura Literária: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FONSECA, Adriana Beatriz da Silva. “Era uma vez...”: o contar histórias como prática educativa na formação docente. Uberaba: UNIUBE, 2003. Dissertação de Mestrado.
- FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler. São Paulo: Cortez, 2003.
- NARANJO, Cláudio. A Criança Divina e o Herói - o significado interno da literatura infantil. São Paulo: Ed. Esfera, 2002.

PROPP, Vladimir. As Raízes Históricas do Conto Maravilhoso. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RESENDE, Vânia Maria. Vivências de leitura e expressão criadora. São Paulo: Saraiva, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro. Elementos de Pedagogia da Leitura. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SUNDERLAND, Margot. O Valor Terapêutico de Contar Histórias. São Paulo: Cultrix, 2005.

VYGOSTKY, Lev S. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo: Ícone Ed., 2001.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro. Literatura e Pedagogia – ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.